

HALBWACHS, Maurice. "A Expressão das emoções e a sociedade".  
Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE – Revista  
Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 8, n. 22, pp. 201 a 218, abril  
de 2009 – ISSN 1676-8965

TRADUÇÃO

## **A expressão das emoções e a sociedade<sup>1</sup>**

*Maurice Halbwachs*

As formas que poderiam ser chamadas de superiores da sensibilidade, os sentimentos e as paixões, parecem exigir uma elaboração mais pessoal e mais prolongada que as emoções, ou o prazer e a dor elementares. Ora, há sem dúvida uma lógica dos sentimentos, quase inconsciente, que faz com que, como dizia Stendhal a propósito do sentimento do amor, todas as nossas reflexões, as nossas imaginações se cristalizam, em certa medida, ao redor da representação da pessoa que se gosta ou que se detesta, do objeto desejado ou temido.

---

<sup>1</sup> *A expressão das emoções e a sociedade* foi retirado sob permissão, da coletânea *Echanges sociologiques*, Paris, CDU, 1947, pp. 3 a 5.

Mas, todo este trabalho mental não pode realizar-se sem que se misturem muitas idéias, julgamentos e raciocínios. Assim, estes estados afetivos são tomados por fluxos de pensamento que vêm em nosso espírito do exterior, e que estão em nós porque se encontram também nos outros. Somos nós que o provamos. Mas, não subsistem e não se desenvolvem, em um mundo onde estamos em contacto com os outros sem cessar, a não ser na condição de apresentar-se sob formas que permitam ser incluídas, se não aprovadas e incentivadas, pelos meios dos quais fazemos parte. Resulta a partir de então que a sua intensidade, a sua natureza e a sua direção se encontram mais ou menos modificadas.

Assim, a sociedade exerce uma ação indireta sobre os sentimentos e as paixões. É que há em nós um homem social, que supervisiona o homem apaixonado, e que, sem dúvida, ele obedece às vezes e se põe em certa medida ao seu serviço para justificar a sua paixão: mesmo assim, o homem não deixa de ser social; raciocina, pensa. Porém, tudo isso, em suma, pode se passar em seu foro interior, distante dos olhos (senão fora da influência oculta) da sociedade.

Não pode ser considerada, ainda, contudo, emoções, e igualmente esta ordem de sentimentos e de paixões que lhes são estreitamente

ligadas porque são, ao mesmo tempo, a ocasião e a causa. Pelas suas manifestações exteriores, ao menos pelos seus modos de expressão visíveis, sensíveis, caem sob o olhar dos homens que nos cercam, e dos grupos aos quais estamos vinculados. Quando a emoção se expressa, esta expressão é material, e o grupo agiu diretamente sobre ela<sup>2</sup>.

Assim pode-se dizer que a expressão emotiva não é de modo algum natural, inata ou hereditária, e em todo caso ligada à constituição orgânica da espécie. Certamente, a criança soluça e chora, agita os braços, e empurra aos gritos sem que ninguém a ensine. Mas, diferente destes movimentos e contrações espontâneas, para muitas crianças pequenas às expressões e atitudes são matizadas e seus significados são bem definidos, como se os vê aparecer nas idades seguintes. Tudo se passa como se as crianças tivessem aprendido olhando os outros, e ao seu contato. Os adultos de hoje receberam estas instruções dos seus pais, e

---

<sup>2</sup> Para estabelecer a possibilidade de uma regulação social das emoções, é necessário, de uma parte, sublinhar a importância de que se pode exercer um controle social “à expressão material das emoções” (elemento constitutivo da emoção e o seu elemento essencial, de acordo com a teoria fisiológica); de outra parte, é preciso mostrar que a expressão emotiva não é inata, e, como se pode dizer, não é determinada pela natureza...

estes dos seus: e, assim, indo até aos nossos antepassados mais afastados. A expressão emotiva teria sido transmitida como a língua; e, após, tudo se assemelha à mímica, que é uma linguagem de gestos e dos traços. O que responderia à mesma necessidade de comunicar aos outros o que se experimenta.

A coletividade, então, é que teria sugerido, ou escolhido, entre todas as formas que se produziram espontaneamente, à vontade das fantasias individuais, como uma espécie de *mímica expressiva*, porque lhe pareceu, sem dúvida, ser o melhor meio para se realizar entre todos os membros do grupo que eram assinantes de uma comunidade de sentimento ou de emoção, assim como a linguagem foi construída pela sociedade para realizar uma comunidade de pensamento. Não é de forma alguma necessário admitir que estes gestos e expressões sejam um resíduo de gestos úteis, nem mesmo que foram imaginados pelo grupo e impostos por ele em uma forma de pensamento utilitário; é suficiente que tenha respondido se foi possível aos homens, como consequência da sua existência coletiva, comover-se com os seus ou com os outros na alegria e na dor, na admiração, no entusiasmo, e na indignação e no ódio.

Quando se observa em segredo um ser humano que ignora o que nele se observa ele não

se sente incomodado e, sob o império de uma emoção, levanta os braços ao céu, arranca os cabelos, profere sons e palavras confusos, não se perturba de que toda esta gesticulação não tem nem sentido e razão de ser em um indivíduo isolado, não será porque a pessoa enternecida comporta-se como se estivesse na presença de outros seres prontos para responder aos seus movimentos e aos seus gritos?

Como disse o Sr. Blondel: “Os estados afetivos fortes são raramente o fato de indivíduos isolados. A solidão empobrece, em geral, não somente a expressão externa às nossas emoções, às nossas lágrimas, aos nossos risos, aos nossos gritos e toda a nossa mímica, além do jogo de representações e sentimentos que o subjazem; se, contudo, as nossas emoções se desenvolvem fora da presença do outro, sofreremos brevemente a miragem da vida em comum que nos é tão natural, e toda a nossa imaginação é povoada de espectadores e de ouvintes imaginários frente aos quais as nossas emoções se estendem por uma espécie de desdobramento, onde nos acostumamos ao jogo da consciência pensativa, nos tornando os nossos próprios aliados e os nossos próprios inimigos. Temos pena de nos indignarmos ou de congratularmos conosco, nos exasperamos contra uma espécie de adversário interno, e

procuramos a visão patética das nossas lágrimas e a protrusão dos nossos gritos”.

Os nossos estados afetivos se permitem naturalmente, deste modo, desabrochar em um meio social que lhes seja adaptado. “As nossas cóleras se alimentam da fúria ou da indiferença dos nossos adversários, e da participação dos nossos amigos; elas se detêm a qualquer falta de resistência ou de concorrência. Os nossos medos se dissimulam e se amortecem, se o nosso ambiente não o compartilha: eles se exaltam, porém, ao contrário, em pânicos, se o ambiente o faz seu”. A solidão moral é um horror para nós. Certamente se disse, também, que as grandes dores são mudas, e temos, mais ou menos, pudor das nossas emoções. Quando os outros não se encontram no mesmo processo emotivo que estamos, e existe, entre nós e eles, comunhão afetiva, nos retraímos e nos recolhemos sobre nós mesmos; ou, e preferivelmente, quando se trata de sentimentos superiores, morais, sociais, estéticos e religiosos, “acontece de nos refugiarmos em uma espécie de grupo ideal entre os membros onde reina este acordo que a realidade nós recusa... Mas, com mais frequência ainda, o veto que lhes é oposto utiliza, no limite, as nossas preferências e os nossos impulsos”.

De modo contrário, porém, as nossas emoções se sujeitam a uma verdadeira disciplina

social, de tal maneira que, na presença de acontecimentos de certo tipo, e em tais circunstâncias, que se produzem diuturnamente, é a sociedade que nos indica como devemos reagir. Ou, antes, não se trata senão da forma como devemos exprimir os nossos sentimentos, e a que voltamos de novo mais tarde, mas do sentimento e da própria emoção: a sociedade espera que provemos, e nos incita a sentir e experimentar.

“Em certo grau da escala social, disse ainda o Sr. Blondel, sabemos tudo sobre como deve ser os nossos sentimentos no relato de uma proeza ou de um crime, na frente de um *Titien* ou um *Rodin*, na audição de uma sinfonia de *Beethoven*, visitando *Notre-Dame*, ou ao saber sobre uma vitória ou uma derrota das nossas armas”. Em uma reunião de homens onde todos, por uma razão ou outra, encontram-se alegres, podemos ter os nossos motivos específicos para estar triste. Mas, nos dominamos, nos esforçamos para participar da alegria geral, sentindo efetivamente que, se agíssemos de maneira diferente, perturbaríamos a festa. Seríamos uma figura de perturbação-da-festa. Quando todos estão preocupados, entristecidos ou abatidos, se rimos, se gracejamos, passamos por pouco agradáveis ou somos considerados como sem-coração.

Fora destas circunstâncias, onde devemos nos colocar em uníssono com o sentimento coletivo, acontece que nos encontrávamos, nós mesmos, em uma situação que para nós era referida como singular e que representávamos, deste modo, o sentimento que devíamos experimentar, porque afetaria outro qualquer, dentro das mesmas condições.

Quando alguém nos faz o bem, devemos não somente lhe dar prova, mas, também, provar para ele o nosso reconhecimento. Ofendidos, vítima de uma injustiça, talvez, não tenha ódio no coração, nenhum ressentimento, mas, basta que as circunstâncias que sofremos por causa de outro retorne ao nosso pensamento, para que o espírito de vingança seja despertado em nós, por persuasão. Persuasão que vem realmente do exterior; é a sociedade de que fala Néron através de Narciso. Poderíamos, evidentemente, resistir, nos inclinar para a bondade e para a indulgência; mas, então, emprestaríamos o ouvido à outra parte da sociedade. O perdão das ofensas, para fazer-se aceitar, no mundo romano, devia se basear na comunidade cristã: ou, antes, as duas reações afetivas e diferentes se opõem como dois imperativos que emanam de sociedades diferentes. “A fronteira entre o que provamos espontaneamente e o que provamos por dever e, às vezes, por dificuldade, é bem difícil, aqui, de traçar”.

Extremos que mantêm a expressão emotiva em si mesma, isto é, em relação aos gestos, à mudança dos traços, às lágrimas, e todas as reações motoras e articulatórias de que falamos. Que não seja plenamente espontânea; que seja possível provocá-la do exterior, artificialmente, e apresentá-la assim à influência de uma vontade externa, é o que resulta de diversos fatos, e em especial às experiências sobre os reflexos condicionados de Pavlov. Ratos foram habituados a tocar uma campainha antes de receber o seu alimento. Portanto, o som da campainha, mesmo que o alimento não lhes fosse mostrado, determina abundante secreção de saliva. “Se, para salivar, diz o Sr. Blondel, de nada serve simplesmente querê-lo, sendo suficiente, pensar fortemente em um prato que gostamos para fazer-nos vir água à boca; contudo, continua sendo permitido pensar sobre o que queremos, e, por este rodeio, salivar à vontade”. Assim, enquanto estes mecanismos são montados no animal por meio de um dispositivo dirigido por uma vontade externa, o homem é capaz de montá-lo em si mesmo: é suficiente evocar tais ou quais representações, e certas imagens. Porém, isto se explica assim que seja possível à sociedade determinar nos seus membros algumas reações expressivas: basta que apresente à sua vista os objetos, as figuras, os gestos cujas imagens dão, em certa

medida, o sinal destes movimentos e destas reações motoras.

De onde um grande número de técnicas emocionais geradas pelo direito social. Estas podem ser melhor observadas nas sociedades ditas primitivas, na ocasião das cerimônias e das festas onde os membros reunidos da tribo ou do clã celebram ritos da sua religião, e reproduzem simbolicamente as ações heróicas e a vida legendária dos seus antepassados. Nestas cerimônias, que se prolongam durante dias e semanas, o seu exercício é totalmente regulado, e configura uma ação contínua e potente sobre as imaginações. Os objetos consagrados são expostos, desenhos simbólicos reproduzem por toda a parte o totem, os cantos, as danças evocam e figuram as lendas e os mitos da tribo. Estes gestos e estas formas aparentes exprimem e, ao mesmo tempo, mantêm estados afetivos comuns a todos os membros do grupo.

Elementos expressivos e únicos, bem agrupados e graduados, conseguem, assim, despertar uma convicção profunda, uma ilusão inteira acompanhada de sentimentos, e que, em certa medida, os institui por toda parte, como o grupo ou a comunidade os prova conjuntamente e os quer impor aos seus membros. Por exemplo, os métodos de iniciação encontram-se quase idênticos em povos não civilizados

tão diferentes como os Australianos, as Peles Vermelhas e os indígenas da Nova Guiné. A idade da puberdade, as pessoas jovens fingem cair mortas, seguidamente, após ritos variáveis e complicados, reanimam, e lhes são comunicadas as tradições da tribo: morte e ressurreição aparentes, mas que são experimentadas como realidade.

Nos povos mais evoluídos, também encontramos ritos semelhantes e os mesmos métodos. Assim, os mistérios de Eleusis na Grécia faziam os neófitos passar pelos tormentos da morte, atravessar as representações aterrorizantes de Hadès, para entrar, enfim, na luz resplandecente da sua moradia. Era o ensino de uma morte que conduzia a outra vida. Evocava-se no iniciado uma série de estados de alma cuja conclusão era uma nova crença, provavelmente, na imortalidade. Os atos simbólicos que realizava, os espetáculos que contemplava, eram os meios pelos quais se determinava nele, como em outro lugar, nos quais o sujeito se submetia, simultaneamente, às mesmas provas e às mesmas emoções sucessivas, que eram a razão deste ato em cena.

Mas, é na ocasião da morte, sobretudo, que a emoção toma forma coletiva, e que todo um ritual de gestos e de lamentações se impõe aos pais, e aos amigos do morto. Nos selvagens da Austrália, logo que um dos seus deu o último

suspiro, tem início a uma explosão de desespero entre os vivos, que se manifesta, porém, através de movimentos e atos bem regulados. Sem dúvida, parecem estar fora deles mesmos, são gestos e contorções desordenados, é uma turba humana, que se agita ao redor da morte: mas, cada um, de acordo com o seu grau de parentesco, desempenha um papel definido, seja o de lacerar o corpo, o rosto, seja o que contrai os membros, se torce sobre o solo, seja ainda os que lançam apenas gritos e espalham-se em lamentações.

Lods nos informa (como diz o Sr. Blondel) que, na antiguidade judaica, “o luto comportava duas manifestações ruidosas... o grito fúnebre... e o *thrène* (poesia cantada monotonicamente por uma carpideira e, frequentemente, acompanhada por uma *flauta* ou por um *sístro*<sup>3</sup>). É evidente que nem uma nem a outra manifestações eram explosões espontâneas e imprudentes da dor nos sobreviventes. Porque, nos Israelitas, como em uma multidão de povos não civilizados, as lamentações fúnebres eram reguladas estritamente pelo costume. Eram proferidas por pessoas determinadas, distribuídas por sexo e por clã, com palavras impostas pela tradição durante um núme-

---

<sup>3</sup> Antigo instrumento egípcio de percussão (Nota do Tradutor).

ro de dias constante e provavelmente em horas fixas, como nos Sírios modernos”.

O Sr. Granet mostrou que na China a linguagem da dor constitui “uma simbólica completamente ordenada”. Assim se explica o luto imposto aos pais da morte como uma espécie de quarentena. “Isolados em cabanas individuais instaladas ao redor da casa da morte, não recebem visitas e não têm relações entre eles. Reduzidos ao silêncio e à imobilidade, não exercem mais funções públicas, estão proibidos de ouvir música, são submetidos a um sistema de restrições alimentares, se abstêm de qualquer cuidado de limpeza, e vivem em um estado mórbido de embrutecimento do qual a coletividade os autoriza a sair, gradualmente, por uma série de etapas, igualmente regulamentadas, em que as cinco categorias de roupas de luto, que os enlutados têm de cobrir-se sucessivamente, se constituem em sinais exteriores mais visíveis” (Blondel).

Eis uma passagem tirada do livro de Hollandais de Groot, *The Religious System of China*, em que ele descreve em detalhe um enterro entre os antigos Chineses. Após o momento em que se depositou o caixão na parte superior dos degraus da casa, em uma pequena cabana de madeira cercada pelos objetos do sacrifício: “Quando tudo foi posto no seu lugar, os empregados deixam a câmara por trás e param

sobre o lado ocidental da porta e mais elevado da linha a oeste da que se encontra mais embaixo. O invocador é o último a deixar a câmara. Fechando a porta, coloca-se à dianteira dos empregados, e todos passam para o oeste dos pilares, descendo pelos degraus do oeste. Neste momento, as mulheres golpeiam o pé. E, quando os homens passam ao longo, pelo lado meridional, dirigindo-se para este, os carpideiros varões golpeiam o pé. Os convidados se vão, então, e as mulheres golpeiam o pé. O carpideiro principal os conduz para fora da avenida, se inclina e retorna, e se junta aos seus irmãos para chorar com eles perto do lugar onde o caixão foi ancorado, os seus rostos se voltam para o norte. Isto feito, os irmãos deixam a avenida e são igualmente conduzidos para fora pelo principal carpideiro que os cumprimenta, se inclinando. No fim, o principal carpideiro deixa a rua, pondo termo aos gemidos. Todos param a seu lado, girando seus rostos para o oeste. A avenida, então, é fechada, e ele, se inclinando com as mãos juntas, se retira para seu refúgio de luto”.

Assim, frente a assistentes, os pais exprimem a sua dor através de contatos, ordens, golpes sobre o peito, lamentações; e, todos os detalhes, o tipo, o número, o momento e o lugar onde é preciso executá-lo, já estão completamente previstos. Observemos que se trata de

gestos rituais, isto é, que têm um sentido e que possuem uma eficácia mágica ou religiosa. O Senhor De Groot nos informa que: “No momento em que se prepara o ataúde, os carpideiros se abstêm de gemer, porque estas manifestações de tristeza poderiam fazer com que a tristeza real se feche no caixão, o que seria fatal à morte e também aos seus descendentes”. E ainda: “Quando se coloca a tampa sobre o caixão, os que não são parentes se afastam, de modo que a sua sombra não seja fechada. Todas as mulheres da família montam sobre um banco ou sobre uma cadeira com a finalidade de evitar uma falsa camada; é que a parte terrestre da alma da morte da volta ao solo de onde é procedente, e poderia facilmente passar no seu corpo os germes de vida que havia no princípio”. O gesto ou o movimento ritual e a expressão emotiva se unem estreitamente, porque existe algo que recorda os gestos religiosos, naqueles que têm por papel manifestar os sentimentos. A emoção coletiva que é vinculada a estes movimentos, a estas atitudes, parece depender deles, e são suficientes para mantê-la, ou conjurar todas as que não o são. Parece que na emoção assim compartilhada e multiplicada, exista uma eficácia e um poder que não é necessário deixarem se perder, que é necessário dirigir para a oração, para a invocação, para a súplica, para a adoração também e

a gratidão, como para a maldição. Assim são os coros no início de Édipo rei, que elevam as suas queixas, ao mesmo tempo em que celebram sacrifícios para afastar a peste e chamar os Deuses à sua ajuda.

Releiamos agora em *Colomba*, de Mérimée, a cena aonde a jovem rapariga corsa vem cantar uma *balada*<sup>4</sup> à cabeceira de uma morte: “A morte estava deitada sobre uma mesa, a figura descoberta, na peça maior da casa. Portas e janelas estavam abertas e vários círios queimavam ao redor da mesa. À cabeça da morte se encontrava a sua viúva e, atrás dela, um grande número de mulheres ocupava todo um lado da câmara; do outro se encontravam os homens, de pé, cabeça nua, os olhos fixos sobre o cadáver, observando um profundo silêncio. Cada novo visitante se aproximava da mesa, abraçava a morte, fazia um sinal de cabeça à sua viúva, e ao seu filho e, em seguida, tomava o seu lugar no círculo sem proferir uma palavra. Ocasionalmente, no entanto, um dos assistentes quebrava o silêncio solene para dirigir algumas palavras ao defunto: porque deixastes tua boa mulher? dizia uma comadre. Ela não havia cuidado de você? O que faltava?

---

<sup>4</sup> *Balada* é um pequeno poema narrativo e uma forma musical, de origem italiana, de uso comum na Europa, dos séculos XIII a XV (Nota do Tradutor).

Porque não esperar mais um mês? A tua nora teria tido um filho... Em seguida, a cantora fúnebre corsa toma a mão da viúva, permanece alguns minutos recolhida e com os olhos abaixados, e improvisa, às vezes se dirigindo ao defunto, às vezes à sua família, às vezes, através de uma prosopopéia frequente na *baldada*, fazendo a morte falar para consolar os seus amigos e dar-lhes conselhos”. O silêncio da multidão só é interrompido por alguns suspiros e por alguns soluços abafados.

Poder-se-ia, por fim, mostrar, como o fez o Senhor Blondel, através de numerosos exemplos, até que ponto, mesmo nas nossas sociedades, não somente no campo, mas também nas cidades, um enterro, um casamento, estas manifestações de luto ou de alegria são reguladas por uma espécie de código imperativo que se impõe de maneira uniforme ao comportamento exterior do indivíduo. Ora, as manifestações fazem corpos com os sentimentos. “Seria bem difícil a um mímico, em parte regulado pela coletividade, gerar, acompanhar ou traduzir uma emoção que, em parte, não se atualizaria”.

Em síntese, o que afeta, sobretudo, e o que tentamos estabelecer, é que não somente a expressão das emoções, mas através dela as emoções elas mesmas, se submetem aos hábitos, costumes e tradições e são por eles inspi-

radas graças a um conformismo, ao mesmo tempo, externo e interno. Amor, ódio, alegria, dor, temor, cólera, são abordagens provadas e manifestas conjuntamente, sob a forma de reações coletivas. É nos grupos que fazemos parte que aprendemos a exprimir, mas também a sentir estas emoções. Mesmo isolados, entregues a nós mesmos, sozinhos, nos comportamos a esse respeito como se outros estivessem nos observando, nos supervisionando. Portanto, se pode dizer que cada sociedade, cada nação, cada época, também, deixa a sua marca sobre a sensibilidade dos seus membros. Sem dúvida, subsiste neste domínio uma grande parte de espontaneidade pessoal. Mas, esta se manifesta e se mostra apenas nas formas coletivas, que são comuns a todos os membros do grupo. Formas coletivas estas que modificam e trabalha a natureza mental do indivíduo profundamente, nos quadros da linguagem e do pensamento coletivo.

Tradução de: *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*

